

H. S. Foxwell: economista heterodoxo de Cambridge

Rogério Arthmar*

Resumo: O artigo trata da controversa contribuição de Herbert S. Foxwell à economia, buscando ainda apontar a sua influência no desenvolvimento das teorias do bem-estar em Cambridge. Inicialmente, constam algumas notas biográficas a respeito do autor em suas atividades acadêmicas e na aquisição de livros, com ênfase em seu trabalho na constituição da Goldsmiths' Library. Trata-se igualmente, na primeira seção, da associação de Foxwell com o movimento historicista na Inglaterra, o qual se opunha diretamente à tradição liberal clássica britânica. As três seções seguintes delineiam a produção intelectual de Foxwell nos campos da economia bancária, das flutuações industriais e da história do pensamento econômico. O artigo se encerra com algumas considerações sobre os avanços e limitações da participação de Foxwell nos debates econômicos de seu tempo.

Palavras-chave: movimento historicista, sistema bancário, monopólios, emprego, história do pensamento econômico

Abstract: This paper deals with Herbert S. Foxwell's controversial contribution to economics, looking also at his influence on the development of Cambridge theories of welfare. First, it provides some biographical notes on his academic and book collecting activities, with emphasis on his work to assemble the Goldsmiths' Library. It also reviews, in the first section, Foxwell's association with the historicist movement, which directly opposed British classical liberal tradition. The three following sections outline Foxwell's intellectual legacy to the economics of banking, industrial fluctuations and the history of economic thought. The paper ends with some remarks on the strengths and limitations of Foxwell's participation in the economic debates of his time.

Key words: historicist movement, banking, monopolies, employment, history of economic thought

JEL Classificação: B10, B13, B25

Área de submissão ANPEC: 01. História do Pensamento Econômico

* Rogério Arthmar: Programas de Pós-Graduação em Economia e em História da Universidade Federal do Espírito Santo. Endereço para correspondência: Avenida Fernando Ferrari, 514, UFES, CCJE, Departamento de Economia, Vitória, ES, Brasil, 29060-445. E-mail: rogerio.arthmar@ufes.br. O autor agradece o apoio do CNPq, Bolsa N°. 307080/2012-9.

H. S. Foxwell: economista heterodoxo de Cambridge

1. Introdução

Nas últimas décadas do século dezenove, a doutrina liberal forjada pelos antigos economistas clássicos sofreu profunda revisão na Inglaterra, refletindo o avanço nos movimentos socialista, historicista e idealista ingleses que denunciavam não somente as iniquidades derivadas da distribuição injusta da riqueza, como também a negligência de tal realidade pelas especulações abstratas da economia política clássica. Perante esse desafio, uma nova perspectiva liberal, evolucionária e com visão prática, veio a se constituir, ancorada nos princípios de que a propriedade privada e a igualdade de oportunidades deveriam caminhar lado a lado, e de que o individualismo acarretava responsabilidade social numa comunidade justa (Boucher, 1997, p. 95-214; Claeys, 1987, p. 130-195; Freedman, 1986, p. 25-75).

Esse período de intenso embate intelectual na Inglaterra foi acompanhado por notáveis desenvolvimentos no meio acadêmico britânico, com as questões sobre o bem-estar da coletividade vindo a ser consideradas pelos economistas e filósofos um campo de investigação tão legítimo quanto o estudo da riqueza houvera sido até então. Por sua ligação com o idealismo britânico, os intelectuais de Oxford inclinaram-se a uma estratégia de envolvimento direto na política visando um governo para todos.¹ Em Cambridge, contudo, os professores sentiam-se mais à vontade ao elaborar um discurso sobre o bem-estar resultante da combinação entre o utilitarismo maduro e a abordagem marginalista, acompanhado de certa dose de ética, história e, ocasionalmente, epistemologia (Backhouse e Nishizawa, 2010, p. 1-14). O trabalho que daí emergiu focava essencialmente nas falhas e nos efeitos não contabilizados do mecanismo de mercado, com atenção particular aos meios pelos quais tais deficiências poderiam ser corrigidas² (Groenewegen 1995, p. 302-42, 531-569; Maloney 1991, p. 165-185).

Papel importante nesse processo esteve reservado a Herbert Somerton Foxwell.³ Tendo assumido como professor no Saint John's College em 1874, com idade de 25

¹ Os idealistas britânicos, como Thomas H. Green (1832-1882), Francis H. Bradley (1846-1924) e Bernard Bosanquet (1848-1923), além de suas concepções de unidade do conhecimento e de senso religioso, compartilhavam uma visão social ancorada nos princípios de subsunção do indivíduo à comunidade, de ativismo estatal em favor do bem coletivo, de condicionamento dos direitos pessoais ao reconhecimento social, e de conexão entre o saber e a prática. De acordo com Mander (2011, p. 7): "Eles elaboraram uma inovadora e poderosa concepção do indivíduo e da sociedade que contribuiu substancialmente para uma mudança fundamental no pensamento político britânico".

² A abordagem do bem estar desenvolvida em Cambridge apoiava-se na análise das limitações do princípio geral competitivo propugnado pelos economistas clássicos. Como descrito por Myint (1948, p. 123): "Nisso, eles efetivamente romperam com a hipótese clássica de uma harmonia econômica geral ao apontarem situações concretas de exceção nas quais o *laissez faire* conduziria a um conflito entre os interesses social e privado e, conseqüentemente, a uma perda de bem-estar".

³ Foxwell nasceu em Shepton Mallet, paróquia civil do distrito Mendip, em Somerset, região sudeste da Inglaterra, no dia 17 de junho de 1849, o mais velho de seis irmãos do casal Thomas Somerton Foxwell (1806-1866) e Jane Handcock (1824-1878), sua segunda esposa. O pai de Foxwell era um mercador bem sucedido de ferragens, pedras e madeira, embora muito de sua fortuna tenha sido perdida com a crise do banco Overend Gurney em 1866. O infante Foxwell recebeu educação inicial no lar, mais tarde sendo matriculado no Wesleyan Collegiate Institute, atualmente Queen's College, de Taunton, graduando-se na London University em 1868. Nesse mesmo ano ingressou no Saint John's College, em Cambridge, como

anos, no ano seguinte foi indicado examinador dos *Tripes* de Ciências Morais. Ele permaneceria associado a Cambridge por mais de seis décadas. Foxwell lecionou ainda no University College, onde iniciou em 1876, assumindo a cátedra do amigo William Stanley Jevons em 1881, e em 1896 passou a lecionar sobre moeda e bancos na recém criada London School of Economics. Sobre as suas habilidades na função de educador, Foxwell era admirado como profissional de índole extremamente prática, invariavelmente preocupado com os temas correntes de economia. "De lucidez singular, com conhecimento inigualável da literatura econômica, sua mente atilada estava sempre aberta a identificar as oportunidades e mudanças da vida moderna"⁴ (The Times, 1936, p. 12).

O traço mais conspícuo da vida científica de Foxwell, pelo qual se tornou merecedor da eterna gratidão dos economistas, residiu em sua dedicação ímpar a reunir uma bibliografia completa de economia. Colecionador obstinado, Foxwell não apenas procurava sem descanso os livros, panfletos e tratados que lhe interessavam; ele os lia, anotava e catalogava cada um deles, prática que, com o tempo, tornou-o especialista na história do pensamento econômico de ampla gama de assuntos, cobrindo desde o séculos dezessete até o dezenove. Sua primeira grande coleção, possuindo em torno de 30 mil livros, esteve a ponto de ser vendida a uma biblioteca norte-americana quando, após apelo público por parte da British Economic Association⁵, ela veio a ser adquirida pela Goldsmiths' Company, em 1901, ao valor de dez mil libras esterlinas e, em 1903, doada a London University. Nas palavras do próprio Foxwell, a coleção destinava-se "a servir de base para o estudo da história industrial, comercial, monetária e financeira do Reino Unido, bem como do gradual desenvolvimento da ciência [econômica] em geral" (Foxwell, 1908, p. 720). Foxwell reuniria ainda outra coleção, vendida a Harvard University, em 1929, que veio a se constituir na base da atual Kress Library of Business and Economics naquela instituição (Rogers, 1986; Keynes, 1936).

Embora tenha se destacado como professor e colecionador, as constantes viagens e o tempo consumido na execução de tais tarefas fizeram de Foxwell um escritor errático. Sua obra, composta por conferências, artigos e introdução a livros contém, todavia, uma combinação de erudição, arrojo e heresia que, nos termos de seu contemporâneo Joseph S. Nicholson, soava como se ele estivesse a reviver "o espírito dos antigos autores panfletários" (Nicholson, 1919, p. 323). Destarte a multiplicidade de assuntos tratados nos escritos de Foxwell, seu interesse maior gravitava em torno de quatro tópicos principais, a saber: a importância do método histórico na economia; os problemas bancários e monetários; a instabilidade da economia e seus efeitos sobre o emprego e, finalmente, a história do pensamento econômico. Sua contribuição a cada

estudante de ciências morais, tendo recebido a bolsa Whewell em Direito Internacional em 1872 (Bowley, 2004; Koot, 1977; Bonar, 1936).

⁴ John M. Keynes descreveu o estilo de lecionar de Foxwell como invariavelmente direcionado a problemas práticos a partir de uma ótica realista: "Mas ele mantinha que o raciocínio deve ser aplicado, para ser frutífero, a uma grande variedade de fatos fornecidos pela história e a experiência contemporânea, e não apenas à construção de hipóteses simplificadas e artificiais" (Keynes, 1936, 592). Esta e as demais traduções ao longo do artigo são de nossa autoria.

⁵ A conclamação da British Economic Association veio à público na edição de 25 de junho de 1901 do The Times, elaborada em termos deveras convincentes: "Nenhuma biblioteca da literatura econômica como esta foi formada anteriormente, sendo duvidoso que qualquer colecionador futuro, ainda que rico e ocioso, seja capaz de alcançar algo similar" (British Economic Association, 1901, p. 8).

um desses campos, em seus traços essenciais, será examinada no restante deste trabalho na ordem indicada.

2. O movimento historicista na Inglaterra

Quando Foxwell iniciou sua atividade letiva em Cambridge, a economia política britânica atravessava período de grande comoção. De uma parte, Jevons propunha abordagem mais rigorosa da ciência, enquanto atacava sem mercê David Ricardo e John Stuart Mill por, segundo ele, "haverem desviado o carro da economia para um caminho errado" (Jevons, 1871, p. 1). De outra parte, o desconexo mas altamente vocal movimento historicista na Inglaterra, liderado por William Cunningham, John K. Ingram, Thomas E. Cliffe Leslie e Arnold Toynbee, entre outros, direcionava um ataque feroz aos fundamentos da ortodoxia clássica e, por vezes, até mesmo aos da emergente escola neoclássica. Os historicistas investiram, primeiramente, contra o limitado escopo da economia política, urgindo os economistas a levar em consideração os fatores sociais que tanto relevo detinham noutros campos do conhecimento como a sociologia, a biologia e a moral. Em segundo lugar, condenaram o estilo de raciocínio ricardiano, universal e abstrato, além de fundado no interesse próprio e na concorrência, por desconsiderar os motivos não econômicos dos indivíduos, assim como a condição perene de mudança da sociedade. Finalmente, argumentaram que a economia política deveria apresentar orientação mais prática, investigando de maneira sistemática questões de natureza aplicada (Schumpeter, 1963, p. 821-824; Koot, 1977; Coats, 1954). William Cunningham, professor de economia e história em Cambridge entre 1884 e 1897, escrevendo em 1878 sobre os aspectos morais da economia política, advertiu que os fenômenos econômicos deveriam ser interpretados não como obra de um só fator, mas, sim, como resultante de "muitas forças que são qualitativamente, e não apenas quantitativamente, distintas" (Cunningham, 1878, p. 372).⁶

Foxwell não era adversário incondicional das teorias, como será visto a frente, se mostrando simpático, porém, aos preceitos da corrente historicista. O artigo "The Economic Movement in England", de 1887, apontado por Keynes como um dos melhores escritos de Foxwell (Keynes, 1936, p. 152, fn. 2), inicia traçando um quadro estilizado, mas em tom acusatório, da escola clássica, acusando-a de defender uma doutrina estritamente materialista, de sacrificar o interesse nacional à riqueza individual e de se basear completamente em leis mecânicas para descrever a natureza humana como puramente egoísta. A contribuição econômica de John Stuart Mill nada acrescentara a tal situação, consistindo apenas na transposição de "novo vinho em velhas garrafas" (Foxwell, 1887, p. 85). Esse tipo de abordagem restrita, assinala Foxwell, não poderia deixar de despertar a oposição das melhores mentes nos círculos literários, artísticos e espirituais, desmoralizando a ciência econômica em diversos ambientes. Mais importante ainda, a antiga doutrina do poder das forças competitivas já teria se tornado obsoleta pelo advento de uma realidade histórica peculiar, marcada pela ascensão da classe trabalhadora, pelo fim do período de prosperidade em 1874, com a

⁶ Ou ainda, como expresso por Cliffe Leslie nos seus *Essays on Political Economy*: "As principais questões relativas à influência do 'desejo de riqueza', dos gastos e do consumo são: à quais tipos de riqueza, quais formas de aquisição, e quais os seus usos eles nos levam em diferentes estados da sociedade, sob diferentes instituições e condições circundantes diversas? Quais leis de evolução regulam tais fenômenos? Nesses pontos nada temos a aprender com a economia política abstrata" (Leslie, 1888, p. 171).

desmonetização da prata, bem como pela profunda reorganização da indústria mundial rumo a uma nova fase monopolista.

Três fatores, para Foxwell, teriam ocasionado o declínio da antiga doutrina do *laissez faire*. O primeiro residiria no surgimento de uma abordagem verdadeiramente científica da economia, inaugurada por Jevons e aperfeiçoada por Alfred Marshall, caracterizada pelo uso da matemática no raciocínio econômico, a exatidão das definições e a delimitação precisa das fronteiras entre a teoria e a realidade. O segundo fator consistiria no avanço da abordagem histórica na Inglaterra, promovida pela obra de intelectuais como Cliffe Leslie e Henry Maine, pelas descobertas das implicações sociais da biologia evolucionária e, ainda, pelo advento da filosofia histórica alemã. Ao descrever essa nova perspectiva da dinâmica social, anotou Foxwell:

[A] nova escola tem reduzido interesse em deduções, justamente por acreditar que os fatos não foram ainda cuidadosamente observados, que as hipóteses guardam apenas relação remota com os fatos, que os fatos em si encontram-se em processo de evolução e mudança, e que a natureza e direção dessa transformação social são muito mais importantes do que elaboradas e complicadas deduções (Foxwell, 1887, p. 89).

O último fator de declínio da escola clássica devia-se, de acordo com Foxwell, ao resurgimento do antigo espírito humanista britânico, o qual se mostrara tão ativo contra a escravidão e a favor das leis fabris, e que agora novamente se erguia contra o ímpeto materialista dos tempos professado pela antiga doutrina econômica. Foxwell, contudo, mostra-se célere ao minimizar qualquer possibilidade de atrito entre as diversas visões modernas do verdadeiro objeto da economia, propondo desde logo uma aliança estratégica entre as escolas dos moralistas, dos historicistas e dos marginalistas. Tal associação deveria ser construída sobre a divisão tácita do conhecimento econômico em compartimentos, ou seja, pela definição de limites precisos a cada abordagem no interior da ciência econômica. "Se o teórico, o historiador e o moralista mantiverem-se estritamente dentro das fronteiras de suas investigações, eles se ajudarão em vez de conflitarem entre si" (Foxwell, 1887, p. 91). O aspecto interessante a ser observado aqui é que Foxwell recomenda essencialmente a mesma solução idealizada pouco depois por seu colega de Cambridge, John Neville Keynes, em sua obra de 1891, *The Scope and Method of Political Economy*, para o estado geral de dissensão que dominava a economia da época. O livro propunha uma separação clara entre os diferentes campos de estudo da economia como o remédio mais eficaz para as disputas metodológicas. Comentando a respeito da confusão frequente entre proposições teóricas, considerações morais e prescrições de política econômica, Neville Keynes afirmou: "Noutras palavras, as pesquisas teóricas e práticas não devem ser sistematicamente misturadas, ou assimiladas uma na outra, como mantido por aqueles que declaram ser a economia política um todo único de inquirições teóricas e práticas" (Neville Keynes, 1897, p. 65).

É de se ressaltar aqui igualmente que a disposição incondicional a desabonar David Ricardo e seu legado deve ter atuado de alguma forma na dissolução da amizade de Foxwell com Alfred Marshall, haja vista que este último considerava os seus estudos parte da evolução natural da tradição britânica de economia política (Shove, 1942). Em 1908, as manobras encobertas de Marshall às vésperas da votação para o seu sucessor na cátedra de economia política em Cambridge asseguraram que o jovem Arthur Cecil Pigou, então com 30 anos, fosse eleito para o posto. Foxwell, o candidato natural já quase sexagenário, sentiu-se traído por Marshall, até então seu dileto amigo, e de quem

daí em diante se distanciou definitivamente⁷ (Groenewegen, 1995, p. 622-627: Coase, 1972; Coats, 1972). Esse rompimento pessoal, todavia, não significa que Marshall tenha se oposto ao movimento historicista na Inglaterra, ao menos na sua versão mais elaborada que reclamava um papel inevitável para a história na economia, em contraposição àqueles pensadores de corte radical, partidários de um empirismo puro, e dos quais Marshall discordava frontalmente.⁸

3. Estudos em moeda e bancos

Durante o longo período entre 1860 e 1913, os especialistas em análise monetária estiveram ocupados em discutir, primeiramente, propostas relacionadas ao bimetalismo, as quais experimentaram certa voga em países como os Estados Unidos; em segundo lugar, o uso da taxa de desconto dos bancos centrais como meio de se atingir objetivos monetários e, finalmente, a forma mais apropriada de se debelar pânico financeiro. Tais questões relacionavam-se, direta ou indiretamente, ao tema da conveniência do país possuir uma oferta monetária elástica capaz de debelar crises de liquidez e atender, ao mesmo tempo, as necessidades legítimas do mundo comercial (Mints, 1945, p. 178-197).

Foxwell cultivava posições bem definidas a respeito do papel dos bancos no sistema econômico. O tema é analisado em seu artigo de 1917 "The financing of industry and trade" (publicado como capítulo III do livro *Papers on Current Finance*, 1919), onde ele afirma ser o principal desafio dos tempos modernos a provisão de meios suficientes para facilitar a constituição de grandes corporações. Embora Foxwell entendesse como tarefa precípua dos bancos o fornecimento de recursos financeiros às firmas produtivas, ele lembra que, historicamente, as casas bancárias britânicas haviam se especializado num tipo particular de operações. Diferentemente dos bancos comerciais continentais, sujeitos à regulações menos estritas no tocante às suas reservas, e que por essa razão mostravam-se mais dispostos a embarcar em empreendimentos industriais, os bancos britânicos não ocultavam a sua preferência por empréstimos de curto prazo, em conexão com a Bolsa de Valores e o mercado de títulos privados, ou ainda por empréstimos ao exterior. A desafortunada consequência de tal situação, lamentou Foxwell, manifestava-se na circunstância de que a indústria e o comércio precisavam sobreviver sem qualquer financiamento de longo prazo por parte dos bancos britânicos. Tendo em vista que as casas bancárias continentais exerciam interação mais ativa com a indústria de seus países, tal contraste significava que a Inglaterra mostrava-se retardatária na competição internacional por novos mercados e pelo uso de novas

⁷ A votação em favor de Pigou foi unânime pelos membros da Câmara Eleitoral de Cambridge (Aslanbeigui e Oakes, 2015, p. 21-40) Após o episódio, Foxwell desenvolveu renhido antagonismo em relação a Pigou que se prolongaria pelo período da Primeira Guerra Mundial e mesmo após o conflito. Durante os julgamentos do pedido formulado por Cambridge de isenção do serviço militar por parte de Pigou, em 1916, Foxwell apresentou-se ao tribunal e colocou-se à disposição para ministrar as aulas sob responsabilidade de seu desafeto caso este último tivesse revogada a liberação concedida em primeira instância (Aslanbeigui, 1992). Ainda, a candidatura de Pigou a British Academy foi recusada até 1927, em grande parte devido à oposição ativa de Foxwell, que se irritara sobremaneira com as posições pacifistas de Pigou durante a guerra (Winch, 2014).

⁸ Marshall sempre se mostrou disposto a expressar a sua simpatia não só pelas teses dos intelectuais historicistas, mas também pela visão evolucionária da economia apoiada na analogia com a ciência biológica (Hodgson, 2005).

tecnologias, enquanto a indústria doméstica padecia por falta de capital líquido adequado.

A perda para nossa indústria é por demais óbvia. Ela não pode obter dos bancos os meios de efetivar a modernização de suas instalações, ou as extensões e reconstruções requeridas pelo progresso da técnica industrial, ou pelos desenvolvimentos de firmas rivais de outras nações; tampouco aqueles empréstimos vultosos que, na prática, revelam-se essenciais à obtenção de grandes contratos no exterior (Foxwell, 1919 [1917], p. 128).

Com respeito ao funcionamento do sistema bancário britânico sob o regime de padrão-ouro durante o pré-guerra, diversas vozes propugnavam a reforma do Bank Act de 1844 que estabeleceria âmbito limitado à ação discricionária do Banco da Inglaterra.⁹ A preocupação principal dos banqueiros e de diversos intelectuais concentrava-se no reduzido volume das reservas áureas do Banco, assim como na frequência e na intensidade das suas alterações na taxa de desconto visando proteger tais reservas (Hume, 1970, p. 127-133). Foxwell, no artigo de 1909 "The Bank reserve", mostrou-se particularmente alarmado pela circunstância de que enquanto os bancos continentais reforçavam suas posses de ouro, a situação no país permanecera inalterada, registrando apenas modesto aumento no estoque do metal abrigado no Banco da Inglaterra. Um dos efeitos negativos de tal quadro refletia-se na extrema sensibilidade da taxa de desconto do Banco em resposta à pequenas movimentações de suas reservas. E, dado o volume substancial de depósitos estrangeiros nas casas bancárias de Londres, o sistema financeiro nacional mostrava-se demasiadamente exposto a rápidas e imprevistas turbulências financeiras que, por intermédio de seus efeitos no custo do dinheiro, impunham pesado ônus aos negócios domésticos e, conseqüentemente, ao volume de emprego. "Existem numerosas pessoas hoje que poderiam mover um milhão ou muitos milhões de ouro se eles assim decidissem fazê-lo. É correto que nosso comércio seja exposto a um tributo dessa natureza por obra dessas operações casuais?" (Foxwell, 1919 [1909], p. 155).¹⁰

No prefácio ao livro de Andreas M. Andrédès, *History of the Bank of England*, publicado em 1909, Foxwell louva a instituição por conferir precedência à estabilidade doméstica dos negócios em detrimento da conversibilidade em ouro durante as Guerras Napoleônicas (1793-1815).¹¹ E nesse assunto específico, a intolerância de Foxwell com Ricardo reemerge por inteiro, dado que o economista clássico, em seu panfleto de 1809,

⁹ O Bank Charter Act de 1844, promulgado pelo Primeiro Ministro Robert Peel, conferia ao Banco da Inglaterra exclusividade na emissão de notas bancárias na Inglaterra e no País de Gales, em detrimento dos demais bancos. O ato condicionava a emissão de novas notas, além daquelas já em circulação, à sua cobertura integral em ouro nas reservas da instituição. O Banco da Inglaterra, conjuntamente, foi dividido nos departamentos de emissão (Issue Department) e de atividades financeiras (Banking Department) (Andrédès, 1909, p. 285-293, 411-416).

¹⁰ Ou ainda, quando avaliando as propostas do político George Goschen para incrementar as posses de ouro do Banco da Inglaterra: "A prova mais conclusiva de que nossa reserva no presente é inadequada encontra-se no nervoso estado do mercado monetário em tempos normais, e no fato de que relativamente pequenas retiradas de ouro, às quais o mercado de Londres encontra-se sempre sujeito, produzirão aumentos imprevistos e maléficos na taxa corrente de desconto" (Foxwell, 1892, p. 142).

¹¹ Em 3 de maio de 1797, o governo de William Pitt (The Younger), decretou o Bank Restriction Act, dispensando o Banco da Inglaterra do compromisso de converter suas notas em ouro. A emissão excessiva dessas notas pela instituição para acomodar as despesas de guerra do governo havia gerado inflação, que comprometeria o poder de compra do dinheiro, o qual passara a ser convertido cada vez mais em ouro, esgotando progressivamente as reservas do Banco da Inglaterra. A medida, prevista para se encerrar em 24 de junho seguinte, foi reeditada várias vezes até 1 de maio de 1821 (Cannan, 1919, p. vii-xvii, xxix-xxxiv).

"The High Price of Bullion", criticara o Banco pelo excesso de emissão fiduciária nos anos de restrição da conversibilidade. Ricardo caracterizara o comportamento da instituição como a causa última da depreciação da libra esterlina nos mercados cambiais e do aumento no preço do ouro, processo que haveria criado uma pressão inflacionária que ele condenava nos termos mais veementes.¹² Foxwell, após censurar Ricardo e seus seguidores nesse assunto, congratulou o Banco e seus diretores por terem guiado o país através de um período extremamente conturbado sem, contudo, comprometer a saúde da economia britânica a fim de eliminar o ágio no preço do ouro.

Sem dúvida o Banco mostrou o defeito de suas qualidades; ele pode ter dado muita ênfase à necessidade de acomodar o comércio do país; mas se assim o fez, seus vícios inclinaram-se para o lado da virtude. A principal dificuldade da instituição localizou-se na sua subserviência ao Estado, e no seu empenho, na medida dos seus poderes, de evitar pressões desnecessárias sobre a comunidade comercial. Estas são as finalidades para as quais um Banco Nacional existe (Foxwell, 1909, p. xxii).

Uma série de medidas voltadas a prover o sistema bancário com uma reserva mais robusta de ouro e a conferir maior elasticidade à oferta monetária já havia sido concebida por Foxwell em "The Bank reserve". Primeiramente, ele propôs maior transparência e publicidade das estatísticas bancárias, incluindo as reservas áureas do Banco da Inglaterra, por entender que tal prática não apenas refrearia a especulação como também permitiria ao público o exercício de controle mais estrito das instituições financeiras do país. Ainda, deveria ser constituída uma segunda grande reserva privada, no montante de 25 milhões de libras, mantida por contribuições dos bancos particulares, a ser mobilizada pelo Banco da Inglaterra em tempos de crise financeira, mas sob a condição de pagamento de uma taxa de juros progressiva a cada parcela de cinco milhões de libras utilizadas. Finalmente, o governo deveria erigir uma reserva própria de dez milhões de libras a fim de amparar as instituições de poupança no caso de uma corrida emergencial aos depósitos em tempo de guerra (Foxwell, 1909, p. 160-170).

Em artigo de 1892 sobre as ideias monetárias do político George Goschen (1831-1907), Foxwell já havia considerado que a introdução de notas com denominação de uma libra (as notas de menor valor em circulação eram as de cinco libras) seria outra medida prática para reduzir a demanda por moedas de ouro (*sovereigns*) que, assim, poderiam ser direcionadas às reservas do Banco da Inglaterra. Tais notas possuiriam o benefício adicional de uma reduzida probabilidade de serem apresentadas ao Banco para a conversão em ouro em vista de sua grande praticidade nos negócios cotidianos (Foxwell, 1892, p. 145-146). Ainda, em artigo de 1895, publicado no mesmo ano como um panfleto intitulado "A criticism of Lord Farrer on the monetary standard", Foxwell apresentou a proposta de restauração do bimetalismo em escala internacional a fim de neutralizar a tendência deflacionária do sistema de padrão-ouro, uma vez que a oferta de prata estaria crescendo de forma ininterrupta enquanto o seu preço teria permanecido

¹² Como reclamou Ricardo: "Que segurança tem o público credor que os juros sobre a dívida pública, agora pagos com dinheiro depreciado em quinze por cento, não possam ser pagos adiante com uma depreciação de cinquenta por cento?" (Ricardo, 2004 [1809], p. 96). A mesma posição, reiterando a necessidade de uma política restritiva por parte do Banco a fim de manter o câmbio estável seria emitida no relatório do Bullion Committee no ano seguinte (Fetter, 1965, p. 39-43, 49-54; o Bullion Report encontra-se reproduzido em Cannan, 1919, p. 1-71).

estável, diferentemente do preço do ouro que experimentava oscilações contínuas e significativas (Foxwell, 1895, p. 4-6).¹³

4. Concorrência, monopólios e emprego

Fiel à sua visão particular de qual deveria ser a verdadeira natureza da economia, Foxwell desenvolveu abordagem extremamente realista ao tratar da evolução dos mercados. Em sua interpretação, os economistas clássicos teriam perdido contato com a realidade ao apregoarem os pretensos benefícios de uma concorrência todo-poderosa que já não mais guardava a menor conexão com os fatos. Escrevendo em 1888, em um artigo sobre as relações do estado com as grandes empresas, Foxwell sustentou que a abolição dos antigos tipos de monopólios da época mercantilista, baseados em privilégios e poder político, propiciara o livre curso das forças competitivas as quais, após certo tempo, conduziram ao crescimento irrestrito de um novo tipo de monopólio, erguido sobre as bases das habilidades, possessões e oportunidades (Foxwell, 1919, p. 264-265).

Concorrência, para Foxwell, significava guerra econômica aberta, tendo por resultado inevitável a sobrevivência do mais forte. Com grande acuidade, indicou que mesmo o usufruto de pequenas vantagens por poucas firmas poderia levá-las a se transformar em um monopólio absoluto, porquanto cada vitória tornaria o vitorioso mais forte e o perdedor mais fraco. Além do mais, os avanços nos transportes, comunicações e nas finanças teriam operado em favor da constituição de monopólios em escala internacional.¹⁴ Foxwell reconheceu, aliás, a existência de limites econômicos a esse processo, especialmente em virtude das dificuldades de administração de grandes empresas, ao que se sobrepunham as contínuas alterações no ambiente econômico.

Ocorre então constante mudança na situação econômica, proporcionando uma chance aos novos empreendedores. O rápido progresso da ciência, os incalculáveis caprichos da moda, os hábitos diferentes do público, tudo isso perturba a rotina dos negócios e ajuda a subverter os monopólios. A imperfeição da hereditariedade, por sua vez, coloca um fim ao mais bem sucedido dos empreendimentos. Um pai pode legar uma propriedade ao filho; trata-se de assunto bem diverso deixar-lhe um negócio (Foxwell, 1919, p. 266).

As vantagens mais evidentes auferidas pelos monopólios, tal como Foxwell as concebia, compreenderiam as economias de administração, a concentração de conhecimento e habilidades, a eliminação dos pesados custos competitivos, como a litigação e a publicidade, e o fim da anarquia industrial. Os consumidores beneficiar-se-iam com a melhor qualidade dos produtos e preços mais estáveis, enquanto a opinião pública seria detentora de grande poder sobre as ações dos monopólios, dado que a reputação das firmas deveria sempre se manter acima de qualquer suspeita. Abusos, porém, aconteceriam inevitavelmente, como na fixação de preços demasiadamente elevados, gerando lucros excessivos, ou na tirania da empresa sobre os empregados ou mesmo, em alguns casos, sobre cidades inteiras, sem esquecer a prática de corrupção dos agentes públicos para a violação da lei. O interesse geral, não obstante, seria melhor servido não por meio de uma intervenção estatal absoluta e coatora, mas sim mediante a plena divulgação de todas as transações econômicas, oferecendo à opinião pública o

¹³ Interessante discussão do debate entre John Locke e Isaac Newton sobre a Grande Recunhagem de 1696 é realizada em Foxwell (1896).

¹⁴ Vejam-se as opiniões de Foxwell sobre a história do Barclays Bank para uma ilustração efetiva de um bem sucedido processo de amalgamação no setor bancário (Foxwell, 1908b).

conhecimento necessário para o melhor direcionamento possível das despesas de cada indivíduo nesse ou naquele produto. Tal soberania do consumidor constituir-se-ia a mais poderosa forma, segundo Foxwell, de contenção das ações reprováveis dos monopólios. Sempre que necessário, tal regulação deveria ser exercida por organizações de negócios locais, familiarizadas com os acontecimentos, em vez de por representantes da autoridade central (Foxwell, 1919, p. 270-275).

Foxwell prosseguiu elaborando sobre o tema em palestra proferida na Royal Institution, em 19 de abril de 1919, intitulada "The nature of the industrial struggle". A concorrência, advertiu ele na ocasião, não deveria ser aceita como um princípio universal, mas, sim, como um estado de coisas restrito a certo tempo e espaço. Embora Adam Smith e outros acreditassem tratar-se de um processo justo, a indústria moderna já demonstrara a existência de três formas básicas de competição, a saber: primeiramente, via o esforço por maior eficiência; em segundo lugar, pela busca de lucros a qualquer custo e, por fim, mediante a destruição incondicional dos competidores, tanto no nível doméstico quanto no internacional. O primeiro caso, de competição honesta, desdobrar-se-ia inevitavelmente na emergência de um monopólio. O segundo e o terceiro casos, de competição desonesta, faziam uso de adulteração, materiais de baixa qualidade, espionagem, corrupção e todo um sortimento de recursos enganosos, conduzindo à sobrevivência não da firma mais apta, mas sim da mais delituosa. Dois códigos de moral, portanto, governariam essas estratégias opostas de atividades competitivas, a consequência, quase sempre, consumando-se em um tipo de equilíbrio de Nash, com as piores práticas comumente sobrepujando as melhores. "Há uma espécie de lei de Gresham operando no mundo dos negócios", disse Foxwell a sua audiência, explicando logo em seguida, "Os melhores homens vendo-se constrangidos a degradar os seus próprios padrões pelo poder irresistível das circunstâncias [...] Essa é a 'lei de ferro' na esfera dos negócios sob competição desregrada" (Foxwell, 1919, p. 78).

A principal desvantagem da competição desonesta estaria radicada no fato de que o mais rude, e não o mais adaptado, ser aquele a sobreviver a refrega, de modo que ao invés de evolução, o processo desaguardaria numa degeneração. O Estado, por conseguinte, não deveria se manter pacificamente afastado do mercado, como preconizado pelos economistas partidários do *laissez faire*, devendo, ao reverso, intervir resolutamente na arena a fim de assegurar que apenas a competição honesta prevalecesse. Foxwell concebeu como a medida mais importante nesse caso a adoção de uma "Política Nacional de Comércio" voltada à proteção da indústria doméstica contra a agressão externa. Ainda, acrescentou ele, largos segmentos da indústria, do comércio e do transporte encontravam-se sob controle de algum tipo de cartel ou combinação, com poderes comparáveis apenas ao do Estado, sendo necessária aí, por conseguinte, alguma espécie de regulação local.

A "Política Nacional de Comércio" teria de enfrentar igualmente o problema do distanciamento entre a ciência e a produção na Grã-Bretanha, cuja união encontrava-se já bem avançada nas grandes corporações alemãs. Doutra modo, as firmas britânicas perderiam a dianteira entre as economias industrializadas. Mais uma vez, Foxwell alerta sobre os perigos dos monopólios, tais como a competição predatória auxiliada pelo Estado, acompanhada de todos os tipos de corrupção, e mesmo de conflagrações militares com a finalidade de captura de mercados estrangeiros ou o estabelecimento de empreendimentos coloniais afim de assegurar o suprimento de matérias-primas baratas. Em qualquer dos casos, argumentou Foxwell, os efeitos mais perversos das empresas

monopolistas poderiam ser minimizados por organizações controladas pelo Estado, geridas, contudo, voluntariamente, evitando-se assim a formação de uma estrutura burocrática gigantesca, facilitando por essa via o florescimento dos aspectos positivos da indústria moderna (Foxwell, 1919, p. 90-96). Foxwell julgava-se o primeiro autor a apresentar tal leitura particular da realidade da época, haja vista que, segundo ele, a mentalidade britânica encontrava-se inteiramente impregnada pelos supostos benefícios da concorrência.

O sentimento inglês é bem expresso em nossa legislação comum, cujo espírito integral é adverso à combinações por se tratarem de "restrição ao comércio". Mas é longe de dúvida que a competição irrestrita destruiu mais negócios honestos do que todas as combinações do mundo. Mesmo na Inglaterra, a legislação tem se voltado mais a limitar a competição do que o monopólio. A história social do século dezenove tem sido um longo protesto, uma grande reação legislativa, contra os males da livre concorrência. Penso ter sido o primeiro economista de língua inglesa a me expressar em defesa das combinações nos negócios (Foxwell, 1919, p. 88).

A partir de três conferências proferidas na Industrial Remuneration Conference, no verão de 1885, na Escócia, Foxwell montou no ano seguinte o livro *The Irregularity of Employment and the Fluctuations of Prices*, tratando primariamente da questão da estabilidade do emprego, julgada por ele o pior dos males da sociedade moderna. Tendo em conta a recorrência das flutuações econômicas, Foxwell lista uma série de dificuldades delas derivadas, como a falta de proteção das classes desfavorecidas nos tempos de depressão industrial, as perdas de capital e de habilidades durante a transferência de recursos produtivos entre os setores da economia, o rastro de sofrimento deixado pela introdução da maquinaria e pela luta competitiva, e finalmente, as reduções salariais nos períodos de desemprego (Foxwell, 1886, p. 10-24).

As razões para a instabilidade do capitalismo por ele apontadas envolveriam, de uma parte, a natureza do sistema monetário vigente e, de outra, a predisposição geral da indústria moderna a sofrer perturbações devido ao avançado estágio da divisão do trabalho e de desenvolvimento do crédito. Em relação ao primeiro fator, Foxwell culpou a corrida ao ouro pelos bancos continentais como a principal causa da deficiência de dinheiro e de deflação generalizada. As reduções de preços, embora aparentemente benéficas aos trabalhadores, estariam frequentemente acompanhadas por uma retração nas atividades da indústria e do varejo, aumentando o desemprego. Como os custos não caem tão rapidamente quanto os preços, os lucros resultariam comprimidos pelo diferencial entre receitas e despesas, enquanto os contratos de débito precisariam ser honrados com uma moeda mais valorizada, despejando assim fardo adicional nos ombros dos produtores. A segunda razão para a pressão deflacionária da época nasceria da elevada especialização da indústria, pois o menor erro de cálculo no direcionamento dos investimentos seria amplificado pela especulação e o crédito fácil, processo sempre propenso a desaguar numa crise financeira (Foxwell, 1886, p. 38-56).

A indústria e o comércio têm trabalhado sob um grau de pressão anteriormente desconhecido, e a população e a riqueza aumentaram; com tudo isso, têm se verificado imenso desperdício, tanto de homens quanto de materiais, sofrimento e aflição inéditos, desvirtuamento do princípio comercial, adulteração de produtos e deterioração do bom-gosto. A indústria progrediu nos seus métodos e resultados sob intensa concorrência. Não obstante, não é a essa luta anárquica que devemos o grande avanço de nossa época. Ela se distinguirá na história não tanto pelo rápido aumento na produção material, mas pelas notáveis descobertas nas ciências físicas e naturais (Foxwell, 1886, p. 71).

Juntamente com esse diagnóstico alarmante da situação econômica dos mercados, Foxwell concebeu um complexo programa de reformas para atenuar as flutuações de

preços e a instabilidade econômica geral, compreendendo uma agenda que ele indicou pelo termo "Organização". Além da já mencionada restauração do bimetalismo e do controle público dos monopólios, ele sugeriu amplo conjunto de medidas para oferecer maior transparência de informação ao público. Essa iniciativa envolveria a compilação, por agências oficiais, de estatísticas agregadas de produção, emprego, consumo e distribuição de renda, a serem disponibilizadas a todos órgãos públicos e privados ligados aos negócios. A especulação e a corrupção, na percepção de Foxwell, alimentam-se da ignorância e da desinformação, a essência da democracia consistindo precisamente na publicidade dos atos, o que tornaria o interesse público mais poderoso e supremo.

Para minorar as oscilações industriais, Foxwell recomendou a introdução de algum tipo de organização, como as guildas medievais, unindo profissionais de uma mesma atividade, os quais deveriam trabalhar em conjunto a fim de manter os preços estáveis, moderar a competição e regular o produto comum. Tais associações, adicionalmente, teriam a responsabilidade de fornecer educação técnica e aprendizado, realizar o controle de qualidade dos produtos e punir as falsificações, buscando ainda os melhores canais de venda com o propósito de eliminação dos intermediários. Por fim, no tocante ao problema do desemprego, Foxwell sugeriu, primeiramente, a criação de uma agência do trabalho para amparar os desempregados e oferecer-lhes informações sobre oportunidades de trabalho, poupança, aposentadoria e demais assuntos de seu interesse comum. Adicionalmente, seria necessária a adoção de contratos de emprego de longo-prazo, com escalas móveis e listas de padronização das tarefas, além da introdução de empregados permanentes nas instituições públicas, como museus, hospitais e similares, de modo a aumentar a estabilidade geral do emprego (Foxwell, 1886, p. 73-90).

5. História do pensamento econômico

Seguramente, a contribuição mais duradoura de Foxwell ao campo da história do pensamento econômico foi a sua dedicação integral e incansável à compilação de uma literatura da economia, englobando não apenas os trabalhos dos luminares da economia política, como também dos autores menos conhecidos ou mesmo daqueles completamente obscuros. De acordo com a sua própria descrição sobre as origens e o desenvolvimento da Goldsmiths' Library, ele sempre se empenhou em adquirir as obras cobrindo todos os ângulos de uma controvérsia, independentemente do assunto em pauta ou das diferentes posições envolvidas. No total, os volumes e panfletos por ele coletados ligados a algum tipo de debate respondiam por mais de duas terças partes do acervo total da biblioteca.¹⁵ Repare-se nas seguintes palavras de Foxwell, as quais reiteram a sua predileção pelo realismo da economia:

Independentemente do tema em questão, uma coleção montada nessas bases teria que incluir necessariamente grande quantidade de tratados e publicações fugidias. Em economia, entretanto, talvez mais do que em outra área, as fontes históricas são precipuamente de caráter ocasional e informal. E as breves contribuições dos homens

¹⁵ Uma antiga curadora da Kress Library escreveu o seguinte a respeito desse segundo acervo reunido por Foxwell: "As principais categorias da coleção são economia política, comércio, finanças, tributação, moeda e bancos, negócios e manufaturas, transporte, trabalho, socialismo e os aspectos econômicos da agricultura. Os materiais publicados cobrem os anos de 1474 a 1850, incluindo obras em todas as línguas da Europa Ocidental" (Rogers, 1986, p. 282).

práticos são geralmente de valor maior do que as reflexões mais sistemáticas de autores conhecidos (Foxwell, 1908, p. 721).

Antes, porém, de ingressarmos nas ideias de Foxwell sobre a história do pensamento econômico, é oportuno mencionar sua visão pessoal sobre alguns economistas que lhe eram contemporâneos.

Marshall, naturalmente, surge em primeiro lugar não apenas por sua grande projeção à época, mas também devido a turbulenta relação entre esses dois professores de Cambridge. No artigo "The economic movement in England", Marshall é mencionado três vezes, duas das quais em conexão com Jevons, ambos retratados como pioneiros da economia científica na Inglaterra. Na terceira menção, o livro *The Economics of Industry*, publicado em 1879 por Marshall e sua esposa, Mary Paley Marshall, é saudado como importante trabalho na reconstrução do conhecimento econômico no país, sendo considerado ainda obra acessível ao homem comum e desprovida de qualquer abordagem doutrinária, isto é, ricardiana, em seu tratamento de problemas práticos. Além disso, Foxwell lembra ao leitor que Marshall possuía larga influência pessoal em diversos círculos acadêmicos, com metade dos professores de economia do país constituída por seus pupilos (Foxwell, 1887, p. 88, 91, 92). A postura reverencial de Foxwell em relação a Marshall, como visto, mudaria radicalmente no início do século vinte, notadamente após a eleição de Pigou para a cátedra de economia política em Cambridge (Groenewegen, 1995, p. 670-679).

Foi sugerido que Foxwell teria sido uma das maiores influências de John Maynard Keynes (Koot, 1977). Em 1913, o professor escreveu uma resenha sobre o recém lançado livro de Keynes *Indian Currency and Finance*. Após breves considerações introdutórias relativas à organização monetária indiana e os benefícios do bimetalismo, Foxwell louva a obra como excelente exemplo de como a ciência econômica deveria ser apresentada, ou seja, mantendo a teoria atrás das cortinas, dispensando terminologia técnica e diagramas sofisticados, e mostrando sóbrio manejo do instrumental estatístico aplicado a questões práticas. Ao final, Foxwell caracteriza Keynes como um dos economistas de vanguarda do seu tempo, comparável a Jevons, e cujo livro em exame revelava a um só tempo lucidez, sagacidade e cautela, sendo, em complemento, de fácil leitura pelo público em geral.

O autor, em verdade, dá provas de notável e rara união de qualidades que o colocam na linha de frente dos economistas da atualidade. Ele combina com seu elevado poder de análise e domínio dos princípios uma absoluta inclinação realista e ampla familiaridade com os negócios e a administração (Foxwell, 1913, p. 572).

Quanto a Jevons, Foxwell nutria uma mistura de amizade e admiração pelo colega. Jevons foi a pessoa que introduziu Foxwell a prática de colecionar livros quando adquiriu em 1875 uma cópia de *Railway Economy*, de Dyonisius Larder, obra datada de 1850 (Foxwell, 1908, p. 720). Na sua introdução ao livro de Jevons *Investigations in Currency and Finance*, editado postumamente por Foxwell, ele elogia o amigo por tratar de um dos mais urgentes problemas dos tempos modernos, a saber, a instabilidade da economia, que se encontrava na base da maior parte dos problemas econômicos. Em acréscimo, declarou Foxwell, Jevons assim o fizera exercitando um balanço correto entre teoria e prática, particularmente mediante o uso judicioso e pertinente das estatísticas como forma de verificar as suas predições (Foxwell, 1884, p. xxiv-xxv). Foxwell também distancia-se do empirismo puro quando defende a teoria dos ciclos econômicos de Jevons contra o ataque dos críticos ao chamar a atenção para o conjunto de dados estatísticos contidos no livro e à completa impossibilidade de se levar em

conta a totalidade dos fatores causais atuantes em qualquer explicação da realidade. "A verdade é que essas 'objeções práticas', levadas à sua conclusão lógica, nos confinaria estritamente à observação de fatos isolados e, portanto, ininteligíveis" (Foxwell, 1884, p. xxxiv-xxxv). Ainda, o livro de Jevons *Theory of Political Economy*, publicado originalmente em 1871, é saudado por Foxwell como a abertura de uma nova era no saber econômico na Inglaterra por ter conferido unidade orgânica à ciência mediante o uso de definições e hipóteses precisas, diferença crucial geralmente negligenciada pelos economistas doutrinários (Foxwell, 1887, p. 88).

William Cunningham, falecido em 10 de junho de 1919, em Cambridge, mereceu de Foxwell um obituário nas páginas do *The Economic Journal*, em setembro do mesmo ano. De acordo com o texto, Cunningham, ao longo de toda a sua vida acadêmica e religiosa, sempre se postara contra a doutrina individualista dos economistas adeptos do *laissez faire*, sendo mais propriamente um defensor de entidades como a família, as guildas e o reino, entendidas por ele essenciais à vida econômica da nação. Em sua condição de historiador, Cunningham, relatou Foxwell, despertou o ressentimento de seus colegas em Cambridge por sua atitude desafiadora no tocante à teoria econômica pura, posição que o próprio Foxwell havia se manifestado contrário na primeira fase da amizade de ambos. Com a passagem do tempo, todavia, Foxwell reconheceu haver se movido próximo à visão de Cunningham, qual seja, de total rejeição de uma teoria que erigia o interesse pessoal como fator supremo de explicação do comportamento humano (Foxwell, 1919a, p. 388-389). O fenômeno econômico, para Cunningham, e reconhecidamente para Foxwell, deveria ser estudado como a resultante de uma complexa interação de motivos, envolvendo não apenas razões materiais, mas também considerações de ordem ética e psicológica. O legado mais duradouro de Cunningham, concluiu Foxwell, encontrava-se no fato de haver o antigo deão, por meio de seus livros sobre a formação industrial do país, elevado a história da Grã-Bretanha a um patamar de distinção no mundo acadêmico (Foxwell, 1919a, p. 390).

A mais articulada exposição de Foxwell sobre a história do pensamento econômico encontra-se em sua longa introdução ao livro de Anton Menger, *The Right to the Whole Produce of Labour*, publicado em 1899. Já no início de sua exposição, Foxwell condena o que julgava ele ser a mais completa desconsideração, por parte dos economistas clássicos, daqueles aspectos da ação econômica ligados a lei, aos costumes e a história. Esse lamentável estado de coisas, porém, haveria sido sacudido em suas bases pelo advento da escola histórica, que apregoava a importância da lei positiva para o progresso da sociedade. As noções de igualdade e justiça, para Foxwell, embora repelidas em certas épocas, encontram-se sempre à frente da história, configurando-se em causa primária das mudanças nos hábitos, no pensamento e na legislação. Em seus próprios termos: "Poderia ser dito com igual verdade que a equidade de uma era torna-se a lei da próxima. Se a lei positiva é a base da ordem, o direito ideal é o fator ativo do progresso" (Foxwell, 1919, p. xi).

A chave para a estabilidade social, segundo a dinâmica social de Foxwell, localizar-se-ia no gradual desenvolvimento das ideias sobre os direitos, e no desenvolvimento concomitante das instituições moldadas por tais ideias. Essa proposição, todavia, não significava que as noções sobre o direito ideal estivessem sempre corretas ou livres de contradição. Foxwell entendia que a análise do direito ideal, particularmente no campo econômico, seria tarefa extremamente complexa, especialmente devido à circunstância de poucas propostas socialistas haverem se materializado até então, e praticamente nenhuma no tocante àquelas de caráter mais

radical. Em que pese essa limitação, na Inglaterra, berço do moderno mundo industrial, os pensadores socialistas haviam tratado em minúcia da quase totalidade das moléstias da sociedade capitalista. Em tais obras propunham-se todos os tipos imagináveis de correções da situação vigente, como o cooperativismo, a reforma agrária, a legislação fabril, a formação de sindicatos e até mesmo a derrubada revolucionária do sistema econômico em curso (Foxwell, 1919, p. xxv-xxix).

Fazendo uso de seu vasto domínio da literatura pertinente, Foxwell passeia com desenvoltura pelos trabalhos dos principais reformadores sociais britânicos do final do século dezoito e grande parte do século dezenove. William Godwin (1756-1836) é indicado por ele o líder do movimento reformista, embora sua obra maior, *Political Justice*, devido à sua combinação peculiar de comunismo com anarquismo individualista, teria resultado por demais ingênua para exercer apelo às mentes revolucionárias (Foxwell, 1919, p. xxvii-xxxi). William Thompson (1775-1833), de sua parte, é designado o chefe da escola socialista inglesa em vista da larga influência de seus escritos e de sua dedicação integral ao movimento. Assim como Godwin, Foxwell enxerga Thompson como excessivamente confiante em métodos voluntários para alcançar a igualdade social tão venerada pelos críticos do capitalismo. A contribuição mais duradoura de Thompson ao socialismo anglo-saxão, porém, residiria em trazer ao centro do debate econômico a questão chave da distribuição de renda (Foxwell, 1919, p. xxxviii-xxlvii). Destilando sua característica animosidade para com os economistas clássicos ortodoxos, Foxwell reservou a John Stuart Mill (1806-1873) nada menos que o epíteto de "soporífero" por sua influência negativa sobre os leitores ao instilá-los a sensação de que o conhecimento econômico estaria completo (Foxwell, 1919, p. lxxvii-lxxviii). Quanto ao pai do cooperativismo britânico, Robert Owen (1771-1858), é ele enaltecido por Foxwell como o homem que efetivamente logrou arrancar o ideal socialista dos livros a fim de levá-lo para as ruas, tornando-o a base de ampla agitação popular. Todas as conquistas da vida social britânica do século dezenove, da educação popular ao sindicalismo, passando pelo cooperativismo e a legislação fabril, teriam sido fruto da influência owenita (Foxwell, 1919, p. lxxix-lxxxvii).

Foxwell discorreu ainda sobre as contribuições de diversos outros socialistas britânicos do século dezenove como Thomas Hodgskin (1787-1869) e John Francis Bray (1809-1897) (Foxwell, 1919, p. lv-lxxi). O tema recorrente de todo o texto introdutório ao livro de Menger, entretanto, revolve em torno da concepção de que embora Owen tenha sido o personagem a incutir o ideal socialista na mente popular, Ricardo teria sido aquele que efetivamente fornecera o arcabouço intelectual à retórica socialista. Conforme Foxwell, quase todos os reformadores ingleses do século dezenove, mesmo os revolucionários, teriam se apoiado, em seus argumentos críticos, naqueles trechos dos escritos de Ricardo sobre o antagonismo de classe nascido da oposição direta entre salários e lucros.¹⁶ As instâncias em que Foxwell repete essa interpretação são diversas, sendo suficiente aqui reproduzir apenas uma delas para que se tenha noção mais precisa do argumento:

¹⁶ Estudos modernos, entretanto, mostraram que grande parte da literatura socialista do século dezenove na Inglaterra esteve sob a influência dos trabalhos de Adam Smith (Thompson, 2002, 82-110) e de Robert Owen (Claeys, 1987, p. 130-165). Nesse ponto, Foxwell não levou em consideração devida quão difícil era, mesmo para os ricardianos mais leais, dominar os detalhes da intrincada teoria do valor ricardiana (veja-se, a esse respeito, Peach, 2009, p. 145-240). As teses de Smith e Owen, ao contrário, eram bem mais simples do que as de Ricardo e, por conseguinte, mais fáceis de serem assimiladas e difundidas.

Foi Ricardo, não Owen, quem forneceu de fato a inspiração para o socialismo inglês. Essa influência foi indireta e negativa, mas é inegável. Thompson e os demais aceitaram como corretas as deduções desafortunadas e forçadas de Ricardo, e citaram-no como autoridade inquestionável. Percebendo que certas de suas conclusões eram contrárias ao seu senso de justiça, e assumindo que ele tinha aceito as condições existentes da sociedade como suas premissas, eles naturalmente dirigiram todas as forças de seu ataque contra tais condições. Essa foi a real origem intelectual do socialismo revolucionário, e é por essa razão que o chamei de ricardiano (Foxwell, 1919, p. lxxxiii; veja-se também xl, xli, lvi fn.1, lxxi).

Foxwell conclui sua introdução destacando a contradição maior do pensamento socialista, qual seja, o fato de que o trabalhador deve ter direito à totalidade do seu produto, mas num sistema no qual a divisão do trabalho torna impossível definir o quanto cada qual realizou num processo produtivo complexo. Essa dificuldade conceitual, explicou Foxwell, somente poderia adquirir significado no plano agregado, em que o conjunto da produção pertenceria à totalidade dos trabalhadores. Por essa razão, segundo ele, todos os discursos socialistas tendiam a convergir para um apelo à igualdade e ao comunismo. A única alternativa concreta a uma mudança revolucionária envolveria a gradual implementação de uma legislação social e de uma tributação progressiva de modo a distribuir de forma mais justa as rendas auferidas sem esforço produtivo concreto (Foxwell, 1919, p. cv-cx).

6. Considerações finais

De modo geral, pode-se caracterizar Foxwell como um economista de transição, num período de rápido declínio da tradição clássica e ascensão das escolas marginalista e historicista. Ele sempre mostrou o melhor de si quando utilizava a sua larga erudição e agudo intelecto para apontar as debilidades dos cânones da economia política tradicional. Suas críticas dirigidas à concepção ortodoxa do *laissez faire*, a especificação detalhada da natureza destrutiva da livre ação dos mercados e o reconhecimento dos custos sociais da luta competitiva eram por demais convincentes para não exercer impacto sobre seus contemporâneos. Essa influência parece ter sido mais profunda sobre o jovem Keynes, que dificilmente teria deixado de perceber a preocupação constante de Foxwell, de quem era vizinho e, mais tarde, colega, com os efeitos perversos do desemprego e com a necessidade de mensuração dos indicadores econômicos agregados. De fato, o interesse de Foxwell nas flutuações industriais e seu impacto sobre o emprego e os pobres reverberou por toda a tradição de Cambridge, inclusive na definição das condições de melhoria do bem-estar adiantadas por Pigou, cobrindo o aumento do dividendo nacional, a distribuição mais igualitária da renda e o combate às flutuações industriais (Pigou, 1912, p. 20-32).

No aspecto positivo, suas intuições sobre a natureza dos monopólios na sociedade moderna mostraram-se essencialmente acuradas, embora não aprofundadas o suficiente para dirigi-lo rumo a uma visão mais consistente da ação de tais empresas e de como proceder para regular efetivamente esse tipo de estrutura de mercado. O progressivo distanciamento de Foxwell da teoria pura e o seu apego crescente a história fizeram por dirigi-lo ao passado na busca de soluções para os problemas de seu tempo. Aprisionado entre essas tendências conflitantes, ele somente logrou conceber a restauração do bimetalismo e a introdução de uma forma moderna das guildas medievais como remédios mais apropriados para lidar com a instabilidade monetária e econômica. Ele nunca cogitou o abandono do regime metálico ou mesmo a realização de obras públicas como meios de combater o desemprego. Apesar disso, e em vista de seus compromissos didáticos e vasto legado bibliográfico, a contribuição de Foxwell para os debates

econômicos de seu tempo, como a de muitos autores panfletários do passado os quais admirava, não parece ter recebido a merecida atenção.

Referências

- Aslanbeigui, N. "Foxwell's aims and Pigou's military service : a malicious episode?". *Journal of the History of Economic Thought*, 14(1), p. 96-109, 1992.
- Aslanbeigui, N; Oakes, G. *Arthur Cecil Pigou*. Houndmills: Palgrave Macmillan, Great Thinkers in Economics, 2015.
- Backhouse, R. E.; Nishizawa, T. (eds). *No Wealth but Life: Welfare Economics and the Welfare State in Britain, 1880-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- Bonar, J. "H.S. Foxwell". *Journal of the Royal Statistical Society*, 99(4), p. 837-841, 1936.
- Boucher, D. *The British Idealists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- Bowley, A. L. and Freman, R. D. "Foxwell, Herbert Somerton (1849–1936)", *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004, Disponível em <<http://www.oxforddnb.com/view/article/33239>>. Acesso em 8 de junho de 2015.
- British Economic Association. "Professor Foxwell's library of economic literature". *The Times*, 25 June, 8, 1901.
- Cannan, E. *The Paper Pound of 1797-1821*. A Reprint of the Bullion Report. London: P.S. King & Son, 1919.
- Coase, R. H. "The appointment of Pigou as Marshall's successor". *Journal of Law and Economics*, 15(2), Oct., p. 473-85, 1972.
- Coats, A. W." The appointment of Pigou as Marshall's successor: Comment". *Journal of Law and Economics*, 15(2), Oct., p. 487-495, 1972.
- Coats, A. W. "The historic reaction in English political economy 1870-90". *Economica*, New Series, 21(82), May, p. 143-153, 1954.
- Claeys, G. *Machinery, Money and the Millenium*. From Moral Economy to Socialism, 1815-1860. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- Cunningham, W. "Political economy as a moral science". *Mind*, 3(11), July, p. 369-383, 1878.
- Fetter, F. W. *The Development of British Monetary Orthodoxy 1797-1875*. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1965.
- Foxwell, H. S. "Introduction", in W.S. Jevons, *Investigations in Currency and Finance*, editado por H. S. Foxwell, London: Macmillan, xix-xliv, 1884.
- Foxwell, H. S. *Irregularity of Employment and Fluctuations of Prices*. Edinburgh: Co-operative Printing Company, 1886.
- Foxwell, H. S. "The economic movement in England". *The Quarterly Journal of Economics*, 2(1), Oct., p. 84-103, 1887.
- Foxwell, H. S. "Mr. Goschen's currency proposals". *The Economic Journal*, 2(5), Mar., p. 139-156, 1892.
- Foxwell, H. S. *A Criticism of Lord Farrer on the Monetary Standard*. London: Effingham Wilson & Co, 1895.
- Foxwell, H. S. "Select tracts and documents illustrative of British monetary history, 1626-1730", (Book review). *The Economic Journal*, 6(22), June, p. 226-233, 1896.

- Foxwell, H. S. "Introduction", in A. Menger, *The Right to the Whole Produce of Labour*, translated by M. E. Tanner, London: Macmillan, 1899.
- Foxwell, H. S. "The Goldsmiths' Company's Library of Economic Literature". In H. Higgs (ed.), *Palgrave's Dictionary of Political Economy*, 3 vols., London: Macmillan, p. 720-722, 1908.
- Foxwell, H. S. "A History of the Barclays Bank", (Book review). *The Economic Journal*, 37(147), Sep., p. 411-417, 1908a.
- Foxwell, H. S. "Preface", in A. M. Andréadès, *History of the Bank of England*, translated by Christabel Meredith, London: P.S. King & Son, 1909.
- Foxwell, H. S. "J.M. Keynes' Indian Currency and Finance", (Book review). *The Economic Journal*, 23(92), Dec., p. 561-72, 1913.
- Foxwell, H. S. *Papers on Current Finance*. London: Macmillan, 1919.
- Foxwell, H. S. "Obituary. Archdeacon Cunningham". *The Economic Journal*, 29(115), Sep., 382-95, 1919a.
- Freeden, M. *The New Liberalism: An Ideology of Social Reform*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- Groenewegen, P. *A Soaring Eagle: Alfred Marshall 1842-1924*. Aldershot: Edward Elgar, 1995.
- Hodgson, G. M. "Alfred Marshall versus the historical school?". *Journal of Economic Studies*, 32(4), p. 331-348, 2005.
- Hume, L. J. "The gold standard and deflation: Issues and attitudes in the 1920s". In S. Pollard (ed.), *The Gold Standard and Employment Policies between the Wars*. London: Methuen, p. 122-145, 1970.
- Jevons, W. S. (1871). *The Theory of Political Economy*. Third Edition, London: Macmillan.
- Keynes, J. M. "Herbert Somerton Foxwell". *The Economic Journal*, 46(184), Dec., p. 519-614, 1936.
- Keynes, J. N. *The Scope and Method of Political Economy*. Second edition. London: Macmillan, 1897.
- Koot, G. M. "H.S. Foxwell and English historical economics". *Journal of Economic Issues*, XI(3), Sep. 1977, p. 561-586, 1977.
- Koot, G. M. "Foxwell, Herbert Somerton (1849-1936)". In J. Eatwel; M. Milgate and P. Newman (eds.). *The New Palgrave: A Dictionary of Economics*, 1st edition, Palgrave Macmillan, p. 3672-3674, 1987.
- Leslie, T. E. C. *Essays in Political Economy*. 2nd edition. London: Longmans, Green & Co, 1888.
- Maloney, J. *The Professionalization of Economics. Alfred Marshall and the Dominance of the Orthodoxy*. New Brunswick: Transaction, 1991.
- Mander, W. J. *British Idealism: A History*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- Mints, L. W. *A History of Banking Theory in Great Britain and the United States*. Chicago: The University of Chicago Press, 1945.
- Myint, H. *Theories of Welfare Economics*. London: Longmans, Green, 1948.
- Nicholson, J. S. "Papers on current finance", (Book review). *The Economic Journal*, 29(115), Sep., 317-323, 1919.
- Peach, T. *Interpreting Ricardo*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

- Pigou, A. C. *Wealth and Welfare*. London: Macmillan, 1912.
- Ricardo, D. *The High Price of Bullion*. In P. Sraffa (ed.) *The Works and Correspondence of David Ricardo, Volume III, Pamphlets and Papers 1809-1811*, Indianapolis: Liberty Fund, p. 47-127, 2004 [1809].
- Rogers, R. R. "The Kress Library of business and economics". *The Business History Review*, 60(2), Summer, p. 281-288, 1986.
- Schumpeter, J. A. *History of Economic Analysis*. London: George Allen & Unwin, 1963.
- Shove, G. F. "The Place of Marshall's Principles in the development of economic theory". *The Economic Journal*, 52(208), Dec., 294-329, 1942.
- The Times. *Professor Foxwell. The Bibliography of Economics.*, p. 12, 4th August 1936.
- Thompson, N. W. *The People's Science. The Popular Political Economy of Exploitation and Crisis 1816-34*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- Winch, D. "Keynes and the Academy". *The Historical Journal*, 57(3), Sep., 751-771, 2014.